

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

VINICIUS FERNANDO BINELO MACALI

**FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA FRIGORÍFICA DE CHAPECÓ E A
REPRESENTATIVIDADE SINDICAL DOS TRABALHADORES**

CHAPECÓ

2023

VINICIUS FERNANDO BINELO MACALI

**FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA FRIGORÍFICA DE CHAPECÓ E A
REPRESENTATIVIDADE SINDICAL DOS TRABALHADORES**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal da
Fronteira Sul, Campus Chapecó como
requisito para a obtenção do título de
Licenciado em História.**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda

CHAPECÓ

2023

VINICIUS FERNANDO BINELO MACALI

**FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA FRIGORÍFICA DE CHAPECÓ E A
REPRESENTATIVIDADE SINDICAL DOS TRABALHADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó como requisito para a obtenção do
título de Licenciado em História.

Aprovado em 13 de julho de 2023

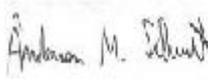
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda
Orientador



Prof. Dr. Vicente Neves da Silva Ribeiro



Prof. Dr. Anderson Marcelo Schmitt

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Macali, Vinícius Fernando Binele
FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA FRIGORÍFICA DE CHAPECÓ E A
ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES / Vinícius
Fernando Binele Macali. — 2023.
44 f. : il.

Orientador: Dr. Antônio Luiz Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

I. Miranda, Antônio Luiz. orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborado pelo sistema de Geração Automática de Fichas de identificação da obra pela UFFS
com as dados fornecidos pelo(a) autor(s).

AGRADECIMENTOS

Com profundo respeito e gratidão, expresso meus sinceros agradecimentos a todos que estiveram presentes durante minha jornada acadêmica. Em particular, desejo estender meus agradecimentos mais especiais ao meu estimado orientador, Antônio Luiz Miranda, cuja paciência e notáveis ensinamentos foram fundamentais para o meu crescimento intelectual. Além disso, sou grato aos membros da banca e aos demais professores do curso, cujas contribuições foram inestimáveis para a minha formação.

Não posso deixar de mencionar minha família, cujo apoio incondicional e incentivo ao longo desses anos foram essenciais para que eu pudesse perseguir meus sonhos acadêmicos. E, é claro, um agradecimento especial ao meu grande amigo, Hilário Correia Ramos, que nos momentos em que me senti perdido na escrita, me auxiliou a encontrar novos caminhos para aprimorar meu texto.

“Quem são eles?

Quem eles pensam que são?

Quem são eles?

Quem eles pensam que são?”

Humberto Gessinger

RESUMO

O desenvolvimento desta monografia busca apresentar a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e remuneração no oeste catarinense, nos aproximamos do ano de 2010, quando ocorreu a mudança na diretoria do sindicato dos trabalhadores da agroindústria, fato que é nosso objeto de pesquisa. Colhemos informações junto ao Sitracarnes (Sindicato dos Trabalhadores das Carnes), para analisar a relação capital-trabalho em Chapecó, quando trabalhadores da Sadia (hoje marca do grupo BRF) conquistaram a diretoria do sindicato, hipoteticamente configurando assim uma representatividade forte e legítima da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Sindicato, agroindústria, classe, trabalho e representatividade.

ABSTRACT

The development of this monograph seeks to present the struggle of workers for better working conditions and remuneration in western Santa Catarina, we are approaching the year 2010, when there was a change in the board of directors of the agroindustry workers union, a fact that is our research object. Gather information from Sitracarnes (Union of Meat Workers), to analyze the capital-labor relationship in Chapecó, when Sadia workers (today a brand of the BRF group) conquered the union board, hypothetically thus configuring a strong and legitimate representation of the class hardworking.

Keywords: Union, agribusiness, class, work and representativeness.

LISTA DE SIGLAS

NR: Normas Regulamentadoras;

MPT: Ministério Público do Trabalho;

MPA: Movimento dos Pequenos Agricultores;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Industrialização na década de 1960.	18
Figura 2 - Vara de porcos sendo conduzida na década de 1950.	19
Figura 3 - Líderes sindicais estimulando os trabalhadores para greve.	30
Figura 4 - Trabalhadores da BRF mobilizados.	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dissídios de 2011-2015.	32
Tabela 2 - Salário mínimo entre 2011-2015.	32
Tabela 3 - Dissídios negociados entre 2009-2011.	34
Tabela 4 - Valor do salário mínimo entre 2009-2010	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROCESSO DE COLONIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO	18
2.1 O capital no oeste catarinense	21
2.2 Abatedouros e frigoríficos no oeste catarinense	24
2.3 O espaço urbano e os trabalhadores dos frigoríficos	28
3 A CLASSE TRABALHADORA DO OESTE CATARINENSE	29
3.1 A diretoria sindical que assumiu em 2011	31
3.2 As atuações do sindicato nos dissídios anuais	33
3.3 Os dissídios de 2009 e 2010	38
3.4 As diferenças nas configurações dos dissídios nos períodos de 2009-2010 e 2011-2014	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta monografia parte do meu própria interesse, onde as problemáticas levantadas ao longo do trabalho são assuntos os quais chamaram minha atenção no decorrer da graduação. Dentro de um conjunto de estudos já realizados sobre a história dos trabalhadores da agroindústria em Chapecó,¹ percebemos uma ausência sobre um texto que promovesse a escrita das origens dessa categoria ocupacional e como se organizou institucionalmente, de forma legal ou não.

Para fins de recorte cronológico, a agroindústria se originou a partir da terceira década do século XX, quando na época começaram a ser transportados porcos vivos nos vagões de trem para a comercialização em São Paulo. Também nessa mesma época foram construídos abatedouros no oeste catarinense para a fabricação de banha, e por volta dos anos 1940 e 1950 surgiram as instalações dos frigoríficos. Os porcos criados na região eram de raças rústicas e produziam grande quantidade de banha atendendo as demandas do mercado da época. Segundo Pertile,² esse processo formou e reproduziu o capital na região.

Em 1970, ocorreu uma reconfiguração no cenário da agroindústria, onde foram introduzidas diferentes raças de porcos destinados a produzir mais carne ao invés de banha, pois a banha passou a ser substituída por óleo vegetal, principalmente extraída da soja que começava a ser produzido em larga escala no país. Esse período foi marcado pela intensa reprodução do capital, produção integrada e capital especulativo.³

Para além da síntese do surgimento dos frigoríficos no Oeste de Santa Catarina, da evolução do processo produtivo e consolidação no mercado, bem como a evolução tecnológica, o recrutamento de mão de obra e a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e

¹ Entre os trabalhos acadêmicos realizados, estão: FORCELINI, Ariely. **A suinocultura nas páginas da revista “Celeiro Catarinense”, na década de 1970.** Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3489>>. Acesso em: 24/08/2022; VITOR, Paulo Fernando Vedovatto. **Do trabalho e vida na roça à mudança para agroindústria: transformações no cotidiano dos moradores do bairro Efapi.** Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6514>>. Acesso em: 21/08/2022.

² PERTILE, N. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes do Oeste Catarinense.** Repositório Institucional da UFSC, 2008.

³ RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos ítalos (1940-1960). **Revista História: Debates E Tendências**, v. 19, n. 4, p. 720-744, 2019.

remuneração, nos aproximamos do ano de 2010, quando ocorreu a mudança na diretoria do sindicato dos trabalhadores da agroindústria, fato que será nosso objeto de pesquisa. Sobre os aspectos históricos compartilhados no que tange o processo de criação e consolidação da economia capitalista e de mercado, Hobsbawm diz que

O triunfo dessa economia, mesmo em suas regiões nucleares, operou sobre e mediante os produtos da história passada. Destruiu e criou algumas coisas, mas na maioria das vezes adaptou, cooptou e modificou o que já existia.⁴

Acrescentam-se a esse processo variações pontuais em parte influenciadas pelos costumes, tradições e experiências históricas de cada país, sobretudo no diz respeito a organização dos trabalhadores.⁵

O sindicalismo brasileiro na década de 1970⁶ (momento de ampliação da agroindústria no oeste catarinense) estava sob o jugo do governo militar e sofreu intervenções que direcionou e limitou suas ações, freando sua postura combativa. Já as empresas foram diretamente beneficiadas com a neutralização dos sindicatos e pelo congelamento de salário dos trabalhadores. Isto é, quando aumentou o número de operários agroindustriais o sindicato já estava sendo controlado pelo governo militar.⁷ Em todo o país as manifestações dos trabalhadores passaram a ser reprimidas, e na imprensa foi retomada uma abordagem conciliatória e de elogio ao trabalho e ao plano econômico, coibindo o sindicalismo que atuava na busca por potenciais emancipadores para a classe trabalhadora.

Conforme verificado por Mattos,⁸ a ditadura militar utilizou-se da cláusula da CLT que facultavam ao Ministério do Trabalho o poder de intervir nos sindicatos. Em relação às empresas as articulações foram com os representantes do grande capital nacional e estrangeiro. Estas medidas faziam parte de uma proposta que visava conter uma crescente crise econômica que o país vinha enfrentando. Em decorrência de tais medidas a classe trabalhadora enfrentou um período de arrocho salarial.

⁴ HOBBSAWM, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

⁵ Id. **Os Trabalhadores Estudo sobre a História do Operariado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

⁶ MATTOS, M. B. “**O sindicalismo brasileiro após 1930**”. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁷ HANAUER, Luiz Fernando Perondi. A inobservância dos direitos humanos na cidade de Chapecó no contexto da ditadura militar: análise de depoimentos judiciais de presos políticos. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1513>. Acesso em 20/08/2022.

⁸ MATTOS, M. B. Op. cit., p. 48.

De forma geral os interventores estavam alinhados com o sindicalismo norte-americano e serviam de apoio aos militares para neutralizar as lideranças sindicais de esquerda. Ao empreenderem o domínio dos sindicatos e subsidiando as empresas privadas, estavam colocadas as bases para as relações de produção que produziu o chamado milagre econômico da década de 1970.⁹

Para Oliveira,¹⁰ o sindicato da indústria da carne de Chapecó foi criado pela própria empresa para atender as normas da CLT. Porém, mesmo após a abertura política que tem seu marco referencial no ano de 1988, houve controvérsias nos processos de organização da classe para as eleições de escolha da diretoria sindical, devido à fragmentações sindicais, que dificultavam os processos abrangentes e conseqüentemente o surgimento de novas lideranças sindicais.¹¹

Portanto, nossa pesquisa delimitou-se em colher informações junto ao Sitracarnes (Sindicato dos Trabalhadores das Carnes), para analisar a relação capital-trabalho em Chapecó a partir de 2010 quando trabalhadores da Sadia (hoje marca do grupo BRF) conquistaram a diretoria do sindicato, hipoteticamente configurando assim uma representatividade forte e legítima da classe trabalhadora. Diante da ambivalência histórica da relação capital-trabalho, um fator a ser questionado é a intencionalidade dos documentos produzidos em tais contexto. Dessa forma, a análise dos registros da atuação dos sindicatos e das políticas de benefício das agroindústrias pode contribuir para entender quais critérios as instituições pautaram seus movimentos em Chapecó.

Para Hobsbawm,¹² os sujeitos históricos ao articularem os processos em sociedade se utilizam das experiências e mecanismos acumulados adaptando-os para novos fins. Na prática, o autor buscou demonstrar que raramente esses sujeitos emergem como fruto deliberado de engenharia social. Em relação ao caso pesquisado, analisaremos as funcionalidades específicas que as instituições sindicais e empresariais passaram a exercer, tomando como pano de fundo cenário histórico que estavam inseridas.

⁹ LAGO, L. A. C. D. **Atlas Histórico do Brasil**. FGV, 2016. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbete/6001>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

¹⁰ OLIVEIRA, E. A. M. D. **Sindicalismo e democracia**: as controvérsias em torno dos processos eleitorais do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes e Derivados de Chapecó (Sitracarnes) – 1988 a 2010. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2017.

¹¹ OLIVEIRA, E. A. M. D. Op. Cit.

¹² Op. Cit., 1981.

Temos como objetivo geral fazer uma análise da forma que a agroindústria e o sindicato mediarão a relação capital-trabalho em Chapecó e como as instituições pautaram seus movimentos, refletindo sobre a formação da agroindústria em Chapecó e da classe trabalhadora que a constituiu, com a finalidade de conhecer as relações de trabalho e emprego no setor que se tornou uma das principais atividades econômicas da região oeste de Santa Catarina.

Por causa da complexidade que envolve a relação capital-trabalho, essa pesquisa também se justifica através da viabilidade de análise dos papéis representados pelo Sindicato dos trabalhadores, dos representantes da agroindústria e do processo histórico econômico e social do oeste de Santa Catarina, com ênfase nas conquistas obtidas para os trabalhadores pela diretoria que está à frente do sindicato desde o ano de 2010, bem como contribuir para a historiografia que vêm se empenhando no estudo da história regional.

Sobre as relações de trabalho e emprego na agroindústria em Chapecó, cabe pensar de que forma uma análise das relações de trabalho e emprego na agroindústria pode contribuir para a formação do sindicato. Partimos da hipótese de que as contradições geradas por intervenções governamentais nas entidades sindicais no período em que a democracia foi suspensa no Brasil (que coincidiram com a ampliação da agroindústria e a arregimentação e massificação de trabalhadores para operar o processo produtivo agroindustrial) dificultou a organização da classe trabalhadora.

Para um melhor tratamento dos objetivos desta pesquisa, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória e descritiva. O problema foi direcionando a pesquisa para as áreas das relações de trabalho e instituições do mundo do trabalho, observando o processo histórico que é marcado pela troca de diretoria do Sitracarnes (Sindicato dos Trabalhadores das carnes de Chapecó), bem como das pautas reivindicadas pelo sindicato. As fontes utilizadas nesta pesquisa são documentos e fotografias do arquivo do Sitracarnes: os dissídios de 2009 até 2015, firmados entre a empresa e o Sitracarnes, disponíveis no portal do Ministério do Trabalho e Emprego. Também foram analisadas a autobiografia do empresário Atílio Fontana (fundador do frigorífico Sadia), assim como uma cartilha de fontes com entrevistas e imagens sobre a cultura agroindustrial de Chapecó.¹³

¹³ FORNECK, Elisanda; LUBENOW, Aline Maisa. **De fábricas de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó**. Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito, Chapecó/Santa Catarina, 2021.

As relações de trabalho (abordadas de forma a reconhecer a importância do papel dos operários na história) são um objeto relativamente novo no escopo da História. A partir das ideias marxistas, passamos a se ter ações mais objetivas na busca por potenciais emancipadores para a classe trabalhadora. Quando Bertolt Brecht escreveu o poema *Perguntas de um trabalhador que lê*,¹⁴ segundo Carolina Ruy, era parte de uma ação que buscava construir uma consciência de classe nos operários através do conhecimento do processo histórico que determinavam suas condições.

No decorrer do século XX, a formação da classe trabalhadora e suas relações de trabalho (abordadas de forma a reconhecer a importância do papel ativo dos trabalhadores na condução de seus interesses e na formação de uma consciência coletiva) se tornaram objetos incontornáveis nas pesquisas históricas de cunho marxista¹⁵. Contudo, existem disparidades nesses processos, como os casos analisados por Hobsbawm no cenário inglês e francês do final do século XIX e início do XX, constatando que as influências ideológicas diferem em certas regiões dos países. No caso inglês, cidades menores tinham mais influência religiosa e em Londres os líderes trabalhistas estavam ligados ao partido Socialista. Havia também influências religiosas, geralmente de tradição dissidente,¹⁶ embora de acordo com Hobsbawm

A Igreja Católica Romana tem insistido em algumas máximas de política social mais firmemente do que na indesejabilidade de organizar os patrões e empregados separadamente; contudo, sem exceções importantes, as organizações conjuntas que ela tem patrocinado nos países industriais foram impelidas para fora do movimento trabalhista ou - após algumas lutas - transformaram-se em sindicatos comuns.¹⁷

Conforme citado acima é possível perceber a ação da Igreja Católica procurando organizar patrões e empregados sob uma mesma ideologia, organizações que acabam rompendo-se ou transformando-se com o passar do tempo devido ao conflito inerente entre as classes. Por outro lado, o autor deixa clara a influência das instituições religiosa na organização dos trabalhadores.

Ainda que no Brasil os processos tanto de mudança nas relações de trabalho de mão de obra escrava para trabalho livre e assalariado, quanto nos modos de produção tenham sido mais

¹⁴ RUY, C. Bertolt Brecht e os 80 anos do poema “**Perguntas de um trabalhador que lê**”. Centro de Memória Sindical, 2015.

¹⁵ PERROT, M. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Ed. Paz e Terra São Paulo Brasil - 2006, p. 127-166.

¹⁶ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 6 eds. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 2011. Cap.2, p. 29.

¹⁷ HOBBSAWM. op. cit., 1981, p. 379.

tardio que na Inglaterra, pode-se constatar nas primeiras décadas do século XX a presença de expressivos grupos de trabalhadores organizados em formas diversas de associativismo, apropriando-se de modelos organizacionais de outros países como descrito por Mattos:

Como referência política para essas organizações e formas de luta, estava à disposição dos trabalhadores brasileiros uma série de análises críticas da sociedade de classes e de propostas políticas de intervenção na realidade. Socialismo, anarquismo, cooperativismo, cristianismo social, mais adiante comunismo, entre outras propostas de transformação social ou colaboração de classes já haviam sido formuladas em outros espaços nacionais, e os trabalhadores delas lançaram mão, adaptando-as à sua realidade.¹⁸

Conforme citado acima, podemos notar que o trabalhismo tem em sua estrutura política uma ideologia oriunda de diversas vertentes filosóficas, o que levou determinadas correntes das ciências sociais a atribuir o conceito de heteronomia à classe trabalhadora. Conforme verificado por Gomes,¹⁹ a heteronomia é a base para criação do mito da outorga dos direitos trabalhista no Brasil.

O mito da outorga dos direitos trabalhista no Brasil tem respaldo nas articulações de Getúlio Vargas, visto que de fato foi Vargas que sancionou a CLT em 1 de maio de 1943, mas isso não torna a classe trabalhadora um autômato no cenário político, uma vez que as leis trabalhista atendiam as demandas de uma classe trabalhadora urbana que havia conquistado status de ator político. No caso dos trabalhadores rurais que ainda não estavam organizados, esses não foram atendidos por garantias legais semelhantes. Em 02 de março de 1963 passou a vigorar a Lei 4.214 que estabeleceu o Estatuto do Trabalhador Rural.

A atuação de Getúlio Vargas junto a classe trabalhadora foi de mediador da relação capital-trabalho, capital então representado por empresários urbanos industriais e o trabalho pelos operários urbanos. Getúlio Vargas era membro da oligarquia agrária que detinha o privilégio da posse dos latifúndios, a base do seu poder, Gomes.²⁰ Portanto, a situação da posse da terra e as condições de trabalho no campo não foram alteradas, mantendo o privilégio de seus compadrios. De acordo com Oliveira,

Após intensa pressão social promovida por sindicatos entidades e organizações sociais, no ano de 1945 tem início o primeiro período democrático brasileiro. Com isso o movimento sindical que vinha ganhando força desde o início dos anos 1940 aglutina mais energia atingindo seu ápice na década de 1960 com imensas greves e

¹⁸ MATTOS, M. B. op. cit., p. 8.

¹⁹ GOMES, A. D. C. **A Invenção do Trabalhismo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 31.

²⁰ Ibid., p. 234.

manifestação e a criação de entidade nacional dos trabalhadores o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e a organização dos trabalhadores do campo.²¹

A partir da promulgação da CLT em 1 de maio de 1943, Getúlio Vargas passou a promover eventos comemorativos no dia do trabalhador em um tom que fomentava a conciliação entre as classes, anunciando o reajuste anual do salário mínimo e proclamando discursos em prol de uma justiça social cristã. Conforme explicado acima, no período democrático que se estabeleceu no Brasil após 1945, cresceu a organização dos trabalhadores (fortalecendo os sindicatos combativos). As pressões vindas do campo por reforma agrária, a crise econômica e demonização²² de correntes ideológicas e políticas de esquerda serviram de pretexto para o golpe civil militar de 1964.

O presente trabalho estrutura-se em dois capítulos, apresentando-se no primeiro a história geral da formação e evolução da agroindústria no Oeste de Santa Catarina baseando-se em diferentes autores, além da evolução e da importância do fluxo migratório de mão de obra. O segundo capítulo apresenta a relação capital-trabalho na agroindústria do Oeste catarinense bem como uma análise da formação dos sindicatos dos operários, as reivindicações dos trabalhadores, a política de benefícios das empresas e condições de trabalho e, por fim, a mudança da diretoria sindical no ano de 2010.

²¹ OLIVEIRA, E. A. M. D. Op. cit., p. 22.

²² Sobre as ações anticomunismo no Brasil podemos ver os estudos de: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p. XXIV; mais específico sobre a região sul, ver: RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2003. 158p.

2 PROCESSO DE COLONIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO

As relações de trabalho na configuração contemporânea (sistema fabril de produção) tiveram seu início no oeste de Santa Catarina nos idos de 1940. Anteriormente, ocorreu o processo de colonização. A referida colonização foi a que se iniciou a partir de 1916 e estabeleceu na região famílias de descendentes de imigrantes europeus vindas do Rio Grande do sul.

A colonização do oeste de Santa Catarina sucedeu a Guerra do Contestado (1912 - 1916), que ocorreu no meio oeste catarinense e teve entre suas principais causas a questão fundiária (ainda que de inspiração messiânica) por parte dos rebeldes. A guerra foi uma das consequências do projeto de Estado que visava a modernização e o progresso econômico e gerou outros conflitos no país durante a primeira República.²³

A abordagem violenta por parte das forças governamentais em um cenário de crise econômica, política e social resultou em grandes chacinas da população local. Em relação à questão agrária, podemos perceber semelhanças entre a realidade brasileira e aquilo que Hobsbawm afirmou sobre as terras no desenvolvimento do capitalismo moderno: “A irrupção do capitalismo moderno na sociedade camponesa, geralmente na forma de reformas liberais ou jacobinas, e introdução de um mercado livre de terras.”²⁴

Portanto, a partir do fim da Guerra do Contestado, com concessões de terras consideradas terras devolutas pelo Estado, passaram a atuar na região empresas colonizadoras. Esse plano consistia em dividir as terras em pequenos lotes agrícolas e vender à migrantes descendentes de europeus, oriundos principalmente de áreas de colonização no Rio Grande do Sul que passaram a se estabelecer na região. Conforme verificado por Miranda e Silva,²⁵ para que esse procedimento fosse possível foi necessário devastar a floresta e limpar a área de populações consideradas intrusas, indígenas e caboclas.

²³ Sobre o Contestado, ver: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Márcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912-1912). Pelotas/RS: Ed. UFPEL, 2012.

²⁴ HOBBSAWM, E. **Rebeldes Primitivos**. Barcelona: Ariel S. A, 1983, p. 107. Original: La irrupción del capitalismo moderno en la sociedad campesina, generalmente bajo la forma de reformas liberales o jacobinas la introducción de un mercado libre de tierras. Tradução nossa.

²⁵ MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. **A CONSTITUIÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CHAPECÓ: A TRAJETÓRIA SINDICAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DE CONSOLIDAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS (1960 E 1970)**. In: MAURAD, L. A. D. F. A. P.; DEGGERONE, Z. A. **AGRICULTURA FAMILIAR EM PAUTA**. Ituiutaba, G.: Barlavvento, v. II, 2020.

De acordo com Miranda e Silva, "o processo inicia com a devastação da densa floresta, gerando uma forte economia madeireira."²⁶ Dessa forma, foi desenvolvido um projeto de modernização econômica, ao passo que as famílias que iam se estabelecendo praticavam agricultura de subsistência e uma pequena produção de excedentes que comercializavam no Rio Grande do Sul e no meio oeste catarinense, donde posteriormente o comércio alcançaria o estado de São Paulo através da linha férrea.

Na década de 1920, São Paulo já era um mercado consumidor e possuía ligações ferroviárias com Santa Catarina. Alocado no meio oeste catarinense nesse período, Atílio Fontana²⁷ iniciava suas atividades comprando porcos das famílias de agricultores e embarcando em vagões de trem na estação de Herval d'Oeste com destino a São Paulo para serem comercializados.

De acordo com Forneck e Lubenow,²⁸ nos anos de 1920 - 1930 (na região que abrangia o município de Chapecó) havia criação de porcos, porém com maior dificuldade para comercializar devido estar afastada da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. A seguir alguns fatos que marcaram a construção e desenvolvimento da agroindústria no oeste catarinense²⁹.

Nos anos 1920 - 1940 predominava a comercialização de animais vivos e os abatedouros para a produção de banha e salame, já no início da década de 1940 iniciaram as instalações dos frigoríficos, 1942 início em Concordia do frigorífico que criou a marca Sadia em Chapecó (Distrito de Xaxim), também o Frigorífico Diadema por volta de 1940, e em 1952 foi fundado em Chapecó o Frigorífico Chapecó, pelo gaúcho Plínio Arlindo de Nês.

Em 1969 foi fundada a cooperativa Aurora alimentos, por volta de 1970 começou a industrialização de aves no oeste catarinense. Na década de 1970 se instalou em Chapecó o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial,³⁰ para qualificar trabalhadores para a agroindústria, justificando sua atuação devido as constantes transformações que o mundo do trabalho enfrenta.

²⁶ Ibid., p. 21.

²⁷ Informações retirada da autobiografia de FONTANA, A. **História da Minha Vida**. 2ª, ed. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

²⁸ Op. Cit.

²⁹ Sobre fatos da linha do tempo de desenvolvimento da agroindústria, ver: FORNECK, E. LUBENOW, A. Op. Cit.

³⁰ SILVA, L. P. D. **Formação profissional no Brasil: o papel do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI**, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100022>>. Acesso em: 22 set. 22.

Durante o período relatado acima existiram duas ações governamentais que estimularam a agroindústria: a do governo Vargas em 1940, que visava substituir importações e fornecer gêneros alimentícios para a crescente urbanização e a Revolução Verde de 1970,³¹ que integrou a agricultura e a indústria a partir da inserção de novas tecnologias. Pode-se dizer que esse processo histórico formou a classe dos trabalhadores da agroindústria, pois os frigoríficos geraram demanda por mão de obra e atraiu a população do meio rural e cidades vizinhas para as áreas urbanas onde se instalaram os frigoríficos.

2.1 O capital no oeste catarinense

A partir da construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, passaram a atuar na região as empresas madeireiras e colonizadoras. As forças do mercado começaram a operar na região de forma intensa, mas com pouca abrangência no sentido de massificação de mercado. A devastação da floresta gerou a primeira commodity, mas assim como afirmou Braudel³² sobre as fases iniciais do capitalismo, muito do que se produzia em tais fases se perdia no autoconsumo, ou seja, não ia para o mercado. No entanto, a madeira beneficiada nas serrarias transportada pela estrada de ferro e as transportadas em balsas pelos rios durante as cheias acessavam o mercado internacional.

No início do século XX houve duas atividades de acúmulo de capital, operado pelas colonizadoras através da venda da terra e pela indústria madeireira. Sobre a atividade madeireira podemos apontar dois estudos: um da história econômica da madeira e outro sobre as alterações ambientais ocasionada pela exploração da floresta e o reflorestamento com espécies exóticas.³³

Conforme verificado por Carvalho, tratava-se de três frentes de interesse que praticavam o desmatamento, as grandes madeireiras que tinham atividade em escala industrial, pequenas serrarias e o desmatamento para a prática da agricultura. Nessa última muito se perdia, pois, o principal objetivo era limpar o terreno para o cultivo e nesse caso o que não era queimado por vez acabava apodrecendo nas margens dos rios esperando pelas cheias para ser transportado.

³¹ ALBERGONI, Leide; PELAEZ, Victor. **Da Revolução Verde à agro biotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas?** UFPR, v. 33, n. 1 (ano 31), p. 31-53, jan. /jun. 2007.

³² BRAUDEL, F. **A Dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco LTDA, 1987.

³³ Para uma síntese dos dois estudos, ver: CARVALHO, M. X.; NODARI, As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguçu (1884-1920). **Cadernos do CEOM**, 2009. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/64>>. Acesso em: 24 jun. 2021. Encontra-se ali um debate entre os estudos já existentes sobre a história econômica com a perspectiva da história ambiental centralizando o debate entre os conceitos de antropocentrismo e biocentrismo.

Da prática da agricultura surgiu uma terceira via para as atividades capitalistas na região, que foram as agroindústrias. Como nos aponta Radin,³⁴ os empreendedores possuem raízes nos assentamentos agrícolas, e madeireiros pequenos comerciantes gradativamente registraram certo acúmulo e reinvestiram na produção.

Por isso, a origem dos capitais é significativa, pois nas fases posteriores o que predomina é o capital especulativo distanciando as relações com a produção.³⁵ Existem precedentes da origem modesta do capital industrial: no caso da Inglaterra são verificadas as circunstâncias da revolução algodoeira, sendo mais tarde apossada por Londres e o capitalismo financeiro. Braudel narra da seguinte forma tais acontecimentos:

Na Inglaterra, a revolução do algodão surgiu da vida comum. Na maioria dos casos, as descobertas são feitas por artesãos. Os industriais são, com frequência, de origem humilde. Os capitais investidos, fáceis de obter através de empréstimos, foram no início de escasso volume. Não foi a riqueza adquirida, não foi Londres e seu capitalismo mercantil e financeiro, quem provocou a espantosa mutação. Londres só obterá o controle da indústria depois da década de 1830.³⁶

Para que possamos analisar de maneira mais abrangente a atuação dos agentes capitalista da agroindústria, é válido mencionar suas atuações junto a esfera pública de poder. Conforme explicado acima, os empresários iniciaram atuando no comércio, e aos poucos foram galgando cargos públicos, tais como vereador, prefeitos nomeados, deputados, assumindo secretarias no Estado e mesmo o cargo de senador, como no caso de Attilio Fontana.³⁷

Em sua autobiografia, Fontana menciona um dos cotistas que constituíam a firma Sadia em sua fundação em 1944: Augusto Frederico Markus, sogro do que se tornaria Presidente do Brasil durante a ditadura em 1974, o General Ernesto Geisel. Durante a expansão da empresa Sadia, Fontana fez manobras junto ao poder público, dentre elas conseguir concessão de linhas aéreas para transportar as mercadorias dos frigoríficos. De acordo com Radin, os fundadores da empresa Perdigão que em 2011 acabou fazendo fusão com a Sadia em uma das mais recentes manobras do capital, teve uma trajetória semelhante com a da empresa dirigida por Attilio Fontana:

Por sua vez, os irmãos Ângelo e Pedro Ponzoni migraram das primeiras colônias do Rio Grande do Sul, fixando-se próximo das estações em Tangará e de Pinheiro Preto, onde também iniciaram uma pequena casa comercial e um pequeno abatedouro de

³⁴ Op. cit., p. 10.

³⁵ Ibid.

³⁶ BRAUDEL, F. Op. cit., p. 71.

³⁷ RADIN, J. Op. cit., p. 10.

suínos. Entre os produtos que adquiriam dos agricultores estavam os suínos “tipo banha”. Os comerciantes Ponzoni e Brandalise se associaram em 1934, ampliando sobremaneira a área de atuação, abrangendo boa parte do vale do rio do Peixe, adquirindo suínos e vendendo-os em São Paulo. A sociedade lhes permitiu investir, além do próprio comércio, na produção de vinhos, em moinhos de trigo, em curtume e para se associar a um pequeno abatedouro, o qual se transformou na Perdigão S.A. Comércio e Indústria. A partir da década de 1940 a Perdigão teve crescimento significativo, conquistando mercado consumidor em São Paulo, para onde transportava seus produtos pela ferrovia e, a partir de 1957, também por via aérea, com um avião DC3.^{xvi} Angelo Ponzoni foi mais um dos empresários que atuaram na política, tendo sido eleito como primeiro prefeito do município de Videira, em 1948.³⁸

Esse quadro remete à formação do capital agroindustrial, onde a iniciativa do capital se beneficiou em grande medida das políticas de Estado visto que os agentes capitalistas abarcaram postos de poder e representatividade imprimindo seus interesses por meio da conjuntura governamental. Na primeira etapa da atividade agroindustrial, podemos apontar para o fomento através da iniciativa governamental para a substituição de importação. De acordo com Miranda e Silva:

O estabelecimento das agroindústrias, na região oeste do estado de Santa Catarina, está inserido no contexto de mudanças da orientação econômica do país, ocorrida a partir do início da denominada Era Vargas, na década de 1930. Esse período foi marcado pela crise do capitalismo e pela II Guerra Mundial. Nesse cenário, o governo federal efetivou ações de controle cambial e de restrição às importações, visando equacionar os problemas da balança de pagamentos, estimulando a substituição de importações de bens de consumo não-duráveis.³⁹

Segundo D’Araujo,⁴⁰ Vargas construiu as bases do desenvolvimento com a execução de um projeto de governo, gerando mudanças na sociedade brasileira da época, criando instituições de pesquisa e aperfeiçoamento. Ainda, programas para alfabetização da população e a criação da indústria de base atraíram as pessoas para as cidades, gerando crescimento urbano.

Outra iniciativa do governo Vargas, apontada por Miranda e Silva, é a atuação de forma efetiva no desenvolvimento industrial facilitando a expansão do mercado interno da seguinte forma:

O governo utilizou a estratégia de federalização dos recursos naturais para diminuir a interferência do poder local e organizar a distribuição racional dessas riquezas,

³⁸ Id., op. cit., p. 13.

³⁹ MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. op. cit., p. 195.

⁴⁰ D’ARAÚJO, M. C. **E ele voltou. o segundo governo Vargas**: Um panorama da política de desenvolvimento de Vargas. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/PoliticaDesenvolvimento>>. Acesso em: 18 out. 2020.

criando estratégias para a implementação da expansão do mercado interno e consolidação do capitalismo industrial nacional.⁴¹

Como se pode verificar nessa citação, as bases do desenvolvimento foram através da estruturação de políticas econômicas. Evidentemente a aplicação foi utilizada para transformar as relações entre capital e trabalho e conseqüentemente reconfigurar a sociedade, pois a ampliação da indústria catalisou o aumento da classe operária urbana.

Através de uma série de programas de controle e fomento social o governo Vargas interveio em diferentes esferas de organização da sociedade tanto diretamente através de agentes, como se utilizando do alcance do rádio. Cita-se, por exemplo, como através do rádio eram transmitidas as notícias de Estado, assim como um programa especial para orientar os trabalhadores, além de artistas cooptados para produzir músicas que cantassem a exaltação moral do trabalho. Ainda, para Miranda e Silva, outro aspecto da estrutura econômica era que

Na década de 1950, no processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, ocorrido pós-guerra, a agricultura subordinou-se à indústria. Assim, a indústria passou a determinar a reprodução do capital no campo. Nesse sentido, permite integrar a agricultura familiar ao mercado nacional e internacional.⁴²

Logo, é importante compreender que as iniciativas governamentais, no que diz respeito a articulações econômicas atenderam parte da população que tinham algum alinhamento com os projetos de Estado. Por outro lado, ocorreram iniciativas que interferiram na saúde pública com medidas para erradicar algumas doenças. Caracterizaram-se como operacionalização de um plano de governo, que transformou um país essencialmente agrário em país industrializado e urbano, com novas tecnologias para a agricultura.

2. 2 Abatedouros e frigoríficos no oeste catarinense

Como supracitado, na década de 1940 no oeste catarinense a principal mercadoria que colocava a região no mercado internacional era a madeira. Mas com o estabelecimento de pequenos agricultores, a região passou a produzir alguns excedentes, basicamente cereais e suínos que aos poucos foram conseguindo espaço no mercado interno. Nas comunidades agrícolas se estabeleceram comerciantes, passando a comprar os excedentes dos agricultores e vender ferramentas agrícolas e produtos de primeira necessidade, como tecidos e sal.

⁴¹ MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. op. cit., p. 194.

⁴² Ibid., p. 195.

Catalogado por Forneck e Lubenow,⁴³ lançamos mão de um acervo de fontes constituída por fotos e entrevistas de descendentes de algumas famílias que se estabeleceram em Chapecó e já trabalhavam no Rio Grande do Sul com abate de animais. Em sua maioria eram pequenos abatedouros e açougues para abastecer o consumo da cidade que era pequena no período. Também se encontram ali fotografias do frigorífico Diadema (da família Lunardi), fundado em 1936, que fabricava banha de forma que poderia ser considerada uma escala industrial para a época.

Em 1950, Chapecó passou por um fato que marcou sua história: a queima da Igreja, seguida do linchamento dos acusados de cometer o crime. Segundo Hass,⁴⁴ a cidade ficou com fama de violenta e a exploração da madeira havia diminuído. Portanto, seus dirigentes econômicos liderados pela empresa colonizadora Bertaso viram seu negócio de venda de terras perder movimento. Posto que o município tinha uma política de atrair pessoas para seu território, lançaram mão de um novo empreendimento, a Chapecó Alimentos: um frigorífico de abate e processamento de suínos.

Uma das limitações do arquivo são as poucas informações sobre os trabalhadores dos frigoríficos, ao passo que as fontes encontradas são mais sobre os empresários, agricultores e o processo produtivo de maneira geral. Ainda assim, por meio dessas imagens é possível inferir sobre o trabalho da época. O acervo de fotos construído por Forneck e Lubenow contém uma imagem de um grupo de trabalhadoras da Chapecó Alimentos datada do ano de 1960.



Figura 1 - Industrialização na década de 1960. Fonte: FORNECK, E; LUBENOW, A. Op. cit.

⁴³ Op. cit.

⁴⁴ HASS, M. **O Linchamento que Muitos Querem Esquecer**. 3ª. ed. Chapecó: Argos, 2013.



Figura 2 - Vara de porcos sendo conduzida na década de 1950 FORNECK, E; LUBENOW, A. Op. cit..

Segundo Pertile,⁴⁵ nesse período os porcos eram conduzidos a pé por três a seis quilômetros para os pontos de embarques em caminhões, pontos onde havia estradas em condições trafegáveis para caminhões, para serem transportados até o frigorífico para serem abatidos e processados.

No decorrer da segunda metade do século XX, investiu-se na aplicação de novas tecnologias, reorganizando e intensificando a produção na agricultura e agroindústria. Chapecó se tornou um polo produtivo passando a atrair pessoas para a cidade: não só operários, mas diversas categoriais de profissionais liberais que passaram a disputar o poder com a elite local, ligados ao extrativismo vegetal e venda da terra.⁴⁶

Sendo assim, a cada ciclo econômico ocorreram mudanças nos agentes dirigentes da sociedade chapecoense. Com o acontecimento da Revolução Verde se ampliaram as dimensões da indústria e na década de 1970 se firmaram três grandes empresas frigoríficas na cidade de Chapecó: Chapecó Alimentos, Cooperativa Aurora e Sadia. Embora possuíssem diferenças em

⁴⁵ Op. cit., p. 84.

⁴⁶ Ibid., p. 78.

suas propostas administrativas internas, trabalhavam com o mesmo modelo de produção integrada com os agricultores de pequenas propriedades.

No período das décadas de 1960 e 1970, a agricultura sofre nova modernização, neste caso, com a articulação entre indústria, Estado e setor financeiro, viabilizando a alteração do modelo tecnológico da produção. A região oeste de Santa Catarina, em especial Chapecó, são impactados fortemente, o que consolidou a cidade como sede de grandes agroindústrias e polo econômico da região.⁴⁷

Para estudarmos os trabalhadores agroindustriais de Chapecó é relevante refletir sobre os conceitos de revolução verde e produção integrada, pois estes dois fenômenos históricos podem ser apontados como fatores de mudança na produção agrícola que subordinou de forma definitiva a agricultura ao setor industrial. A revolução verde trouxe com sua oferta técnica a possibilidade de o agricultor aumentar sua produção, enquanto a produção integrada estabeleceu condições contratuais colocadas pela indústria para o agricultor ter acesso às tecnologias e mercado. Um terceiro elemento da equação é o sistema financeiro através das instituições bancárias que forneciam empréstimos e venda de seguros.

No que diz respeito a pequena propriedade e a agricultura familiar, a revolução verde e a produção integrada desencadearam o êxodo rural, engrossando as massas de trabalhadores urbanos, especificamente a categoria de trabalhadores da agroindústria.

Dessa forma, se introduziu no ambiente da agricultura familiar, uma nova realidade social e econômica, com implantação de grandes maquinários requeria investimentos significativos, tornando a produção em pequenas propriedades inviável. Por isso é possível ainda afirmar que a Revolução Verde, foi uma revolução silenciosa e ocasionou a exclusão de pequenos agricultores, o que levou ao êxodo rural.⁴⁸

O êxodo rural da pequena propriedade foi ocasionado por diferentes fatores, mas no que se relaciona ao viés econômico podemos apontar o endividamento devido a resultados contraproducentes de investimentos feitos na propriedade por meio de empréstimos pego junto aos bancos, bem como o não enquadramento no modelo produtivo imposto pela revolução. Segundo Pertile,⁴⁹ na década de 1970, vinte por cento das propriedades rurais do oeste catarinense caracterizavam-se como minifúndio, ou seja, menor que um módulo fiscal que corresponde a dezoito hectares.

⁴⁷ MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. op. cit., p. 201.

⁴⁸ SOLIVO, L. **O uso de agrotóxicos: o veneno chegou no oeste catarinense (1970-1980)**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2019, p. 37.

⁴⁹ Op. cit., p. 95.

Parte da agricultura familiar que conseguiu permanecer no campo foi cooptada pela indústria para produção integrada, tanto para produzir grãos como para a produção de carnes, criando porcos e aves. Nesse período houve a formação de um sindicalismo rural que atuou intermediando as relações entre agricultores e agroindústria. Como constatado por Miranda e Silva,⁵⁰ esse sindicato desempenhou um papel assistencialista, fornecendo serviços de saúde aos agricultores (visto que na época ainda não havia sido criado o SUS).

Podemos sintetizar esse processo da seguinte forma: o emprego de novas técnicas para mecanizar e aumento da produção resultou em proletarização. No período pós Segunda Guerra ocorreu um aumento demográfico,⁵¹ o qual estava na pauta dos discursos políticos da época e que justificava e legitimava o novo projeto econômico para fins de ampliar a produção de alimentos.

Podemos observar a cada ciclo do capitalismo a espoliação do meio e modo de vida: dos caboclos, indígenas e pequenos agricultores expulsos ou impelidos a sair de suas terras pela construtora da ferrovia e pelas empresas colonizadoras e, por fim, os agricultores que não conseguiram manter seu modo de vida com o advento da Revolução Verde. Quando o capital se torna capitalismo, o capitalismo é o meio que o capital encontra para se reproduzir, transformando todos os bens e serviços em mercadoria reproduzida de modo industrial através da divisão e especialização do trabalho com o incremento de tecnologia e arranjos ideológicos. Para Braudel “o capitalismo não inventa as hierarquias, utiliza-as do mesmo modo que não inventou o mercado ou o consumo.”⁵²

A tendência econômica que gerou o êxodo, segundo Paiva,⁵³ ocasionou a proletarização e monetização dos bens de sobrevivência, demandando que as famílias de trabalhadores migrantes se reorganizassem no espaço urbano: no campo as famílias produziam nas propriedades parte sua alimentação; no espaço urbano, tiveram que se adaptar e desenvolver habilidades para organizar o orçamento doméstico tendo como única fonte de recursos o salário pago pela indústria aos trabalhadores do chão da fábrica. No caso de Chapecó (a maior cidade

⁵⁰ MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. op. cit., p. 206.

⁵¹ PAIVA, P. D. T. A.. O processo de proletarização e a transição da fecundidade no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 41, n. 4, p. 383-414, 1987. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/issue/view/72-1>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁵² BRAUDEL, F. op. cit., p. 50.

⁵³ PAIVA, P. D. T. A. op. cit., p. 7.

do oeste catarinense), seus empreendimentos agroindustriais durante as décadas de 1970 e 1980 passaram a atrair maior fluxo de migrantes.

2.3 O espaço urbano e os trabalhadores dos frigoríficos

Por volta de 1978, o governo Militar obrigou os municípios a organizarem a ocupação do espaço urbano. Chapecó contava com quatro agroindústrias, atraindo crescente número de trabalhadores que se estabeleceram (em geral) próximo das unidades agroindustriais. Segundo Reche,⁵⁴ os problemas com a ocupação do espaço urbano de Chapecó se assemelham aos encontrados em outras cidades brasileiras.

Para Santos,⁵⁵ existe diferença entre o conceito de urbano que seria algo mais geral e abstrato e o conceito de cidade que seria específico e concreto. No caso da cidade de Chapecó, pode-se constatar que a cidade dobrou seu contingente populacional em um curto espaço de tempo. O contingente populacional que migrou, gerou de acordo com Reche:

Um acelerado crescimento populacional que não foi todo absorvido pela oferta de emprego nas indústrias, dando origem aos problemas sociais presentes no município até hoje, principalmente relacionados à habitação e a ocupação das periferias da cidade.⁵⁶

Santos,⁵⁷ que escreveu em 1978 diante de um amplo processo de urbanização sobre as causas e definições da pobreza urbana, categorizou basicamente dois perfis: o marginal, que trabalha de modo irregular e o trabalhador que tem sua situação regularizada, mas também sofre pela carência material. O caso dos trabalhadores regularizados dos frigoríficos em Chapecó será discutido a seguir, bem como sua representatividade e suas lutas.

Podemos observar no processo histórico do desenvolvimento econômico da região oeste catarinense que em um período curto a região passou por diferentes fases e ciclos da economia capitalista. De forma genérica, as fases do capitalismo são apresentadas de forma segmentada, entre as fases mercantil, industrial e financeira; já os ciclos são entendidos como períodos de crescimento e recessão.

⁵⁴ RECHE, D.; NASCIMENTO, E.; VILLELA, A. L. V. **O Estado e a Produção do Espaço Urbano de Chapecó nas décadas de 1970 e 80.** In: _____ CHAPECÓ EM FOCO textos e contextos sobre o espaço urbano-regional. São Carlos SP: Pedro e João, 2017, p. 125.

⁵⁵ SANTOS, M. **A urbanização brasileira.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

⁵⁶ RECHE, D.; NASCIMENTO, E.; VILLELA, A.L.V. op. cit., p. 45.

⁵⁷ SANTOS, M. **Pobreza Urbana.** São Paulo: Edusp, 2009.

Independente da fase, os ciclos que fazem as relações oscilarem no capitalismo é observável, assombrando e atingindo a classe trabalhadora através de sua marginalização por meio do desemprego e da superexploração do trabalho, sendo esses elementos intensificados para a manutenção do sistema capitalista.

3 A CLASSE TRABALHADORA DO OESTE CATARINENSE

Deste ponto em diante esta monografia entra mais propriamente dito no seu objeto de pesquisa procurando estar em sintonia com a conceitualização de classe de Edward Palmer Thompson, exposta em sua obra “A formação da classe operária inglesa”. Tendo em vista que Thompson, ao estudar a classe operaria proporem um viés onde se possa melhor compreender, acolhe e tratar as queixas evitando estimular motins injustificados.

Para Thompson, a classe é algo fluido, não a como colher uma amostra em um determinado momento e dissecá-la. Sua estrutura se torna visível a partir das observações dos processos históricos. Embora aponte a ocorrência de escritos que se proporem ser capaz de equacionar quase que matematicamente a classe, o autor deixa bem claro que é no decorrer de um período histórico que os interesses de um grupo de pessoas se alinham e se chocam com os interesses de outro grupo.

Conforme explicado acima, se torna possível observar a configuração da classe no processo histórico articulado pelos sujeitos, ou simplesmente pela contingência dos desdobramentos dos acontecimentos da vida em sociedade. A seguir, pontuaremos alguns fatos históricos, que tornam possível observar a formação da classe trabalhadora dos frigoríficos no oeste catarinense. Como os papéis que foram representados pelos sujeitos através da cultura, valores, ideias, decisões políticas e econômicas tomadas e manifestada na materialidade através das instituições.

Conforme Vojniak,⁵⁸ às propostas de trabalho e salário fixo derivado da ampliação emergente dos frigoríficos atraiu trabalhadores rurais autônomos ou não para a cidade. As possibilidades de trabalho de carteira assinadas na cidade se tornaram mais atrativas devido ao desenrolar do projeto de modernização agrícola que culminou na chamada de Revolução Verde conforme citado anteriormente. Porém, como Santos⁵⁹ deixa claro, a organização do trabalho nas agroindústrias demanda um certo nível de escolarização e instrução técnica dos trabalhadores.

Pode-se dizer com base nos autores supracitados que a complexidade da dinâmica que formou a classe trabalhadora gerou a marginalização de trabalhadores que não se adaptaram ao

⁵⁸ VOJNIK, Fernando. O papel da mão-de-obra dos “brasileiros” na implantação da agroindústria em Chapecó: o caso Sadia – 1970 a 1980. Chapecó: Unoesc, 2000.

⁵⁹ SANTOS, M. A. D. **O Sofrimento dos trabalhadores da agroindústria Sadia S.A. de Chapecó**. Repositório Institucional da UFSC, 2012.

trabalho padronizado das agroindústrias e no ambiente urbano. Tais trabalhadores que ficaram a margem do mercado formal de trabalho, formariam o que foi denominado pelo materialismo histórico de exército de trabalhadores reservas e o que é segmentado nos estudos de Milton Santos como diferentes formas de pobreza. Que por sua vez tem origem na transição da mão de obra escrava para a assalariada.

Conforme explicado acima, embora o exército de trabalhadores reserva e sua situação de pobreza não seja o objeto desse estudo é importante menciona-lo, pois acaba por adquirir função de elemento tácito para a coerção dos trabalhadores que se encontram formalmente empregados. Exemplos de elementos de coerção dos trabalhadores são relatados por Santos,⁶⁰ nos casos de movimentação de greve dos trabalhadores da Sadia nos anos de 1980.

Dentre os elementos de coerção para manter os trabalhadores sob intensa exploração está a estratégia de abordagem paternalista que inclui ações assistencialista engendrando docilidade e subordinação nos trabalhadores.

Estes últimos dados sobre as relações da Agroindústria Sadia e a categoria dos trabalhadores das carnes são relativos às décadas de 80 e 90. Mas, por falta de dados da época de 1970 “registrados” a respeito da categoria dos trabalhadores das carnes nesta década, nos propomos a raciocinar a respeito dessa realidade, o que nos parece uma ilação válida: se, duas décadas depois as relações entre a agroindústria em questão e a categoria dos seus trabalhadores continua sendo de subordinação, de paternalismo/assistencialismo e as mínimas manifestações de inconformidade continuam sendo respondidas com espionagem, repressão policial e demissões.⁶¹

A autora deixa claro na citação acima que o modelo paternalista, está acompanhado de fortes elementos coercitivos. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto que dificulta a manifestação e até mesmo a formação de uma consciência de classe. Conforme citado acima existe uma lacuna de dados registrados sobre movimentação e organização dos trabalhadores na década de 1970.

Vê-se, pois, que essa realidade pelo meio social que estava posto na época no prisma dos trabalhadores, segundo Santos, "daí porque, ser ‘integrado’ ou empregado da Sadia significava desfrutar de maior status socioeconômico frente aos seus semelhantes,"⁶² De forma

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Ibid., p. 170.

⁶² Ibid.

que fica evidente a eficácia dos capitalistas em mobilizar os trabalhadores para atender os objetivos do capital.

3.1 A diretoria sindical que assumiu em 2011

As eleições sindicais de 2010 foram marcantes na formação de uma representatividade dos trabalhadores dos frigoríficos. Em princípio legítima, o que se constatou na análise das fontes é que a base de tal representatividade não gerou um engajamento consistente e duradouro. Embora se observe um trabalho sério por parte dos dirigentes sindicais, as conquistas foram pouco significativas, e um dos fatores que pode ter desengajado a classe é a rotatividade da mão de obra, ocasionada por fatores de mercado e globalização no que diz respeito a oferta de mão de obra tem seu ponto de convergência nos fluxos migratórios.⁶³

Sobre as conquistas da classe, serão discutidas questões quantitativas e no aspecto financeiro, bem também questões sociais e de condição de trabalho. A questão financeira, alinhada por parâmetros como o preço dos bens básicos necessário a vida (tais como alimento e moradia) mostra uma perspectiva das circunstâncias vivida pelos trabalhadores. As questões sociais e de condições de trabalho refletem garantias, benefícios ou reparos feitos aos trabalhadores, e cabe destacar o papel fiscalizador do sindicato em relação ao cumprimento do regulamento.

Cabe salientar, contudo, que questões financeiras também são questões sociais e impactam a sociedade através da distribuição da renda, mas para fins classificatórios e discriminatórios, na sociedade burguesa e industrializada, as questões sociais⁶⁴ de onde se originam as cláusulas sociais dos dissídios estão ligadas a perda do poder familiar no espaço urbano.⁶⁵

Podemos elencar as cláusulas sociais na entre as seguintes: auxílio creche, licença maternidade e paternidade, seguro de vida, seguro funeral e auxílio ao ensino profissionalizante. No que diz respeito às condições de trabalho, podemos relatar a evolução das NR'S, em

⁶³ Sobre migrações e trabalho nos frigoríficos de Chapecó ver: VICENTE RIBEIRO, G. V. J. V. R. Migraciones venezolanas a Chapecó: políticas de interiorización y trabajo en la agroindustria. **saber.ula.ve**, 2022. Disponível em: <<http://revistas.saber.ula.ve/index.php/aldeamundo/article/view/18682>>. Acesso em: 22 maio 2023.

⁶⁴ Sobre questões sociais ver: FÁVERO, E. T. PERDA DO PÁTRIO PODER. São Paulo: VERAS EDITORA, 2000. FÁVERO, E. T. **Questão Social e Perda do Poder Familiar**. São Paulo: Veras Editora, 2007.

⁶⁵ Id., op. cit., 2000.

específico a NR36 (que é setorial, criada para atender as demandas do setor frigorífico), publicada pela Portaria MTE nº 555, de 18 de abril de 2013.

As NR'S são as Normas Regulamentadoras, disposições complementares ao Capítulo V (Da Segurança e da Medicina do Trabalho) do Título II da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com redação dada pela Lei nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977. Consistem em obrigações, direitos e deveres a serem cumpridos por empregadores e trabalhadores com o objetivo de garantir trabalho seguro e sadio, prevenindo a ocorrência de doenças e acidentes de trabalho.

As articulações para a implementação da NR36 envolveram diferentes setores da sociedade, para pressionar e conscientizar as lideranças que estavam a frente dos órgãos competentes. Entre esses esforços somam-se estudos acadêmicos, trabalhos da imprensa autônoma e de lideranças sindicais, sustentados em dados como número de reclamações trabalhistas, acidentes de trabalho com afastamento permanente ou não registrados no INSS e doenças ocupacionais.

É importante mencionar a existência da Comissão Tripartite Paritária Permanente (CTPP). Criada em 1996 a CTPP, é uma comissão que visa fomentar o diálogo social para resolver questões do mundo do trabalho. O fórum reúne os representantes do governo, empreendedores e trabalhadores.

3.2 As atuações do sindicato nos dissídios anuais

Para analisar o trabalho na agroindústria frigorífica em Chapecó na perspectiva dos trabalhadores foi necessário procurar o sindicato da categoria. Constatamos que existem dois sindicatos que atendem e representam os trabalhadores, porém apenas um (Sitracarnes) permitiu acesso a seus documentos. Localizado na Rua Benjamin Constant, 440-D - Centro, Chapecó - SC, conta com aproximadamente 2500 associados e mais de cinco mil trabalhadores na base, representando os trabalhadores da BRF S.A, BUGIO AGROPECUARIA LTDA, INCOCEL INDUSTRIA E COMERCIO DE ALIMENTOS LTDA.

O Sitracarnes possui uma sede campestre e oferece assistência odontológica e jurídica a seus associados, negociando anualmente reajuste salarial, jornada de trabalho, cláusulas sociais tais como salário maternidade, auxílio creche, vale alimentação e fiscaliza as condições de trabalho. O corpo dirigente é composto de 28 membros, tendo como diretor Jenir de Paula.

Assim, a realização deste estudo teve como objeto de pesquisa as ações feitas pela chapa que venceu as eleições sindicais de 2010, assumindo a diretoria do Sitracarnes em 2011, bem como, os trabalhos desenvolvidos junto a categoria profissional de sua base até o ano de 2015, traçando um paralelo com os dissídios negociados pela diretoria entre 2009-2010.

Analisando os dissídios homologados no período de cinco anos, fotos das mobilizações e conversas com os membros da diretoria do sindicato, focamos em apresentar as imagens dos trabalhadores mobilizados para ilustrar o trabalho desenvolvido por eles, conseguidas após longas conversas com os responsáveis pelo arquivo e extensa burocracia.

De acordo com Holanda,⁶⁶ fonte oral é qualquer registro de manifestação da oralidade humana, sendo que a história oral é parte do conjunto de fontes e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. Nossa proposta exploratória de pesquisa histórica tem sua temática voltada a análise documental, e não nos aprofundaremos nos relatos orais pois foram obtidos de maneira informal, no momento que foi contatada a instituição sindical para obter acesso aos arquivos. As imagens fotográficas foram acessadas nos arquivos do Sitracarnes, e os documentos com os dissídios foram obtidos através do site do Ministério do Trabalho.⁶⁷

Inicialmente, para observar os desdobramentos das articulações do sindicato, vamos analisar as imagens das assembleias convocadas para a aprovação ou não das pautas dos dissídios negociados junto a empresa. Quanto aos dissídios aprovados pelos trabalhadores e trabalhadoras, posteriormente homologados, observaremos as diferenças contidas entre as cláusulas estabelecidas entre as duas diretorias anteriores (que correspondem a 2009 e 2010), e em relação à atual diretoria observaremos os dissídios dos anos 2011-2015. Focaremos nas cláusulas sociais conquistadas pelo sindicato bem como nas questões monetárias, comparando o piso salarial pago aos ocupantes dos postos de trabalho na agroindústria com o salário mínimo vigente na época.

De acordo com Oliveira,⁶⁸ as lideranças sindicais em questão, que na época eram trabalhadores do chão da fábrica, conseguiram se articular no chão da fábrica e montar chapas para concorrer às eleições de 2010, da qual foram vitoriosos com o apoio de lideranças políticas

⁶⁶ HOLANDA, J. C. B. M. / F. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

⁶⁷ Dissídios disponíveis em: <<http://www3.mte.gov.br/sistemas/mediador/>>.

⁶⁸ OLIVEIRA, E. Op. cit.

de esquerda e um conjunto de advogados ligado a área trabalhista, próximos das autoridades do ministério do trabalho de Chapecó.

O cenário político e econômico que o país se encontrava possibilitou a organização dos trabalhadores, pois havia uma oferta maior de emprego no mercado. Isso possibilitou que os trabalhadores se organizassem com mais segurança, pois em caso de retaliação da empresa por meio de demissões os trabalhadores organizados poderiam conseguir outra colocação no mercado, uma vez que o país estava em um momento de pleno emprego.

O evento de mobilização dos trabalhadores foi com os operários do frigorífico BRF em Chapecó, com a nova diretoria a frente do sindicato, sendo a mobilização do ano de 2012 a de maior proporção, quando o Sindicato convocou a assembleia para a votação dos trabalhadores sobre a aceitação ou não da proposta de reajuste salarial da empresa. Decidiram se posicionar contra e estimular os trabalhadores a não aceitar, acenando para a convocação de uma greve

Figura 3 - Líderes sindicais estimulando os trabalhadores para greve.



Fonte: Arquivo do Sitracarnes.

Na Figura 3, podemos analisar a imagem dos líderes sindicais e sua principal pauta de reivindicação. No centro da imagem, segurando o microfone está Jenir de Paula, um mecânico industrial com formação política através dos movimentos sociais que formaram líderes políticos nos anos 1990, encabeçados pelo movimento teológico de uma ala da Igreja Católica, chamada

Figura 4 - Trabalhadores da BRF mobilizados.

de Teologia da libertação⁶⁹. Os principais movimentos sociais que se formaram a partir da iniciativa foram dos pequenos agricultores MPA e MTS (Movimento dos Trabalhadores sem-terra). No meio rural atuavam com a designação de Pastoral da Terra; já nas periferias das cidades com as comunidades eclesiais de base, a Pastoral da Juventude.



Fonte: Arquivo do Sitracarnes.

Os ritos de dissídios no Brasil privilegiam a negociação coletiva como principal forma de composição das disputas entre trabalho e capital. A partir desses ritos são construídos os acordos coletivos que por sua vez regem os contratos individuais de cada profissional que pertence à categoria. No caso dos dissídios coletivos que trataremos a seguir, foram negociados pelos sindicatos representando os trabalhadores com os representantes do capital, onde geralmente ambas as comissões de negociação são compostas por advogados.

O quanto os interesses dos trabalhadores são representados nos ritos basicamente depende da organização da categoria. A burocracia sindical foi organizada no Brasil na década de 1940, através das iniciativas estatais. Isso criou uma estrutura de amparo aos trabalhadores, mas, que segundo Oliveira,⁷⁰ gerou oligarquias sindicais. As questões de domínios políticos são circunstanciais na sociedade democrática de direito.

⁶⁹ Ver sobre Teologia da libertação em: CECATTO, A. Por uma semântica dos conceitos: teologia da libertação, pobres e igreja (1971-1984). **unicap.br**, 2021. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/1974>>. Acesso em: 03 maio 2022.

⁷⁰ OLIVEIRA, E. A. M. D. Op. cit., p. 11.

O modo operante da diretoria do Sitracarnes nos dissídios de 2011-2014 foi de fazer reuniões com a categoria para elencar as pautas a serem levadas à mesa de negociação. Após rodadas de negociação, as resoluções foram levadas para a aprovação da categoria. Com a Emenda Constitucional nº 45, de 8 de dezembro de 2004, publicada no Diário Oficial da União DOU de 31.12.2004, a Justiça do Trabalho passou a julgar todas as ações oriunda das relações de trabalho.

Diante de um cenário de mobilização dos trabalhadores dos frigoríficos, como podemos constatar pelas imagens, pode-se considerar tal mobilização da categoria como um fato político consistente. A partir dessas informações analisaremos as tabelas montadas com os resultados financeiros obtido nos dissídios, dos anos que essa pesquisa se dedicou. Na tabela 1 mostraremos os resultados dos dissídios de 2011-2015.

Tabela 1 - Dissídios de 2011-2015.

Ano base	data	Valor do Piso salarial / contratação	Valor do salário de efetivação	Segunda parcela do reajuste em 01/01 do ano seguinte	Reajuste anual %	Inflação do período anterior % que corresponde de 01/06 a 31/05 do ano seguinte
2011-2012		R\$ 759,00	-	-	8,2%	8,2%
2012-2013		-	-	-	-	-
2013-2014		R\$ 885,63	R\$ 916,54	-	8,80%	8,80%
2014-2015		R\$ 955,00	R\$ 1.000,00	-	8,00%	8,00%

Fonte: Mediador (SRT, 2023)

Tabela 2 - Salário mínimo entre 2011-2015.

Ano	Valor do salário mínimo nacional
2011	545,00
2012	622,00
2013	678,00
2014	724,00
2015	788,00

Fonte: Ministério da Economia (GOV.BR, 2023)

Um ponto a ser mencionado é que o salário base dos trabalhadores da BRF se mantém em média de 1.28 salários mínimo. No que diz respeito ao salário, não há parcelamento do reajuste, mas no caso dos reajustes anteriores a 2011 ocorria o parcelamento, como podemos observar na Tabela 3. Outro ponto são as cláusulas contratuais estabelecidas anteriormente a 2011, que são em maior número, mas com o propósito de cercear os direitos dos trabalhadores.

Cerceiam ao estabelecerem nos dissídios cláusula para desestimular os trabalhadores a buscar recursos judiciais para suas demandas, bem como deixar em aberto as tratativas sobre banco de horas e os deslocamentos dos trabalhadores até o local de trabalho.

3.3 Os dissídios de 2009 e 2010

Nos dissídios entre 2009 e 2010 pode-se observar que não está muito claro o papel do sindicato, como no caso da cláusula vigésima nona do acordo coletivo de 2009, onde se estabelece que é papel do sindicato orientar os operários a usar os EPI, equipamentos de proteção individual. Nesse caso podemos dizer que o sindicato nem se faz presente em sua posição de fiscalizador, mas de um instrumento a serviço da empresa.

Basicamente os dissídios desse período seguem uma linha conciliatória unilateral, onde foram firmadas cláusulas para que o sindicato se comprometa em negociar divergências nas relações de trabalho para evitar ações no Ministério do Trabalho. Entre as cláusulas de caráter social se destaca o auxílio funerário, onde a empresa se compromete em incentivar a livre associação sindical e recolher o imposto através do desconto em folha salarial dos trabalhadores.

Tabela 3 - Dissídios negociados entre 2009-2011.

Ano base	Valor do salário de contratação	Valor do salário de efetivação	Segunda parcela do reajuste em 01/01 do ano seguinte	Reajuste anual %	Inflação do período anterior % que corresponde de 01/05 a 30/04 do ano seguinte
2009-2010	R\$ 574,27	R\$ 600,00	R\$ 606,00	6,7%	6,1%
2010-2011	R\$652,00	-	R\$660,00	7,5%	7,5%

Fonte: Mediador (SRT, 2023)

Na Tabela 4, observaremos que os valores do salário base pago pela BRF entre 2009-2010 em comparação com o salário miminho está em 1,18, com reajuste gradual no decorrer do contrato de experiência e na efetivação, ainda que feitos forma parcelada.

Tabela 4 - Valor do salário mínimo entre 2009-2010

Ano	Valor do salário mínimo nacional
2009	465,00
2010	510,00

Fonte: Ministério da Economia.

3.4 As diferenças nas configurações dos dissídios nos períodos de 2009-2010 e 2011-2014

De acordo com Oliveira, em Chapecó as entidades sindicais das categorias de trabalhadores urbanos começaram a ser formadas no ano de 1962. Porém, o sindicato da indústria da carne foi fundado em 1979, e Oliveira narra:

O maior contingente de trabalhadores de Chapecó na década de 1970 eram os trabalhadores das agroindústrias. De acordo com Rossari (1993), eles têm sua primeira

entidade de representação sindical fundada no ano de 1979 que é o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias da Alimentação de Chapecó e Xaxim.⁷¹

A constituição de 1988 proporcionou mais autonomia para a organização sindical no Brasil, mas as oligarquias sindicais já constituídas usaram a autonomia para fortalecer sua hegemonia, como afirmou Oliveira:

Constituição de 1988 muitas entidades sindicais alteram seus estatutos, algumas para privilegiar o processo democrático e a participação e outras para restringir ainda mais a participação e a democracia interna como forma de proteger os dirigentes sindicais. Neste sentido alguns sindicatos ampliaram o mandato dos presidentes para até dez anos, como no caso do Sindicato dos Trabalhadores nas indústrias de Carnes e Derivados de Chapecó.⁷²

Desde o ano 1981 os trabalhadores da carne se organizam para lutar por direitos, mas foram dissuadidos em diferentes ocasiões, mobilização para greve, eleições sabotadas, desmembramento das bases e alteração do estatuto. As recorrentes alteração no estatuto chamaram a atenção do Ministério Público⁷³ do Trabalho, que em 2010 fez exigências legais para que a eleição sindical fosse realizada de forma democrática.

Entre outros elementos para analisar a ação da classe e seus representantes, somados aos interesses e ações do capital, podemos encontrar os fluxos migratórios mais recentes que o oeste catarinense recebeu, bem como questões geopolíticas podem ser exploradas para um melhor esclarecimento das dinâmicas do capitalismo na sociedade globalizada. Basicamente, os imigrantes que foram direcionados para a região receberam visto de ajuda humanitária no caso dos haitianos e refugiado políticos para os venezuelanos e segundo Ribeiro (2022, p. 41), em 2021 a mão de obra dos frigoríficos em Chapecó era composta por 41,02% de estrangeiros.

⁷¹ Ibid., p. 24

⁷² Ibid., p. 26.

⁷³ Sobre as ações de representatividade da classe trabalhadora da agroindústria entre 1970-2010 ver: SANTOS, M. A. D. op. cit., 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos observar nesse estudo é uma classe operaria buscando exercer status de ator político mediante a grandes obstáculos, devido ao modo operante do capitalismo que os sujeitos históricos configuraram no oeste catarinense, com mais ênfase em Chapecó. A questão da rotatividade de mão de obra é um aspecto que possibilita que as empresas explorem uma mão de obra sempre em êxodo.

Aqui, podemos apontar duas pontos críticos que estão relacionadas com as contradições do capitalismo de mercado e consumo: a tendência de superexploração dos recursos sejam eles quais forem (nesse caso o da mão de obra) e a reorganização através do terceiro setor da economia. Os arranjos do capitalismo passam por diferentes limiares da escala industrial, sustentada pela ideia de progresso.

Como vimos no primeiro e segundo capítulo, a inclinação econômica, para a atividade agroindustrial da região oeste de Santa Catarina surge com o projeto de colonização, tal projeto foi bem-sucedido, para constatar isso basta olhar para a cidade de Chapecó que é o polo agroindustrial da região, mas o que nos motivou aqui não foi a saga vitoriosa da indústria, embora seja um tema interessante. Nos dedicamos também a observar alguns limiares que o processo histórico da industrialização passou e seus impactos na sociedade, especialmente nos trabalhadores comuns, aquele do chão fábrica que se dedicaram de maneira incansável as atividades ordinárias para construir os sonhos da classe dirigente.

Os sonhos construídos, energias e massas movimentadas para realização dos projetos, configuram diferentes aspectos periféricos. Que se ficarmos observando deslumbrados com o epicentro do evento não conseguiremos constatar a sobra projetada pelos fatos históricos. O que nos propomos aqui foi lançando um olhar para a classe trabalhadora, sujeitos que embora massificadas para o trabalho na linha de produção, no entanto com o apoio de profissionais da área do direito, agentes político partidários e de movimentos sociais, conseguiram se organizar e conquistar melhorias para a classe.

No que diz respeito a envergadura das conquistas obtidas pela diretoria sindical pesquisada, não cabe fazer juízo valorativo, mas apontar dificuldades enfrentadas pelo sindicato, mediante as demandas sociais e os arranjos do capitalismo. E o trabalho feito para se manter organizado e combativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGONI, Leide; PELAEZ, Victor. **Da Revolução Verde à agro biotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas?** UFPR, v. 33, n. 1 (ano 31), p. 31-53, jan. /jun. 2007.
- BRAUDEL, F. **A Dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco LTDA, 1987.
- CARVALHO, M. X.; NODARI, As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguazu (1884-1920). **Cadernos do CEOM**, 2009. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/64>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- CECATTO, A. Por uma semântica dos conceitos: teologia da libertação, pobres e igreja (1971-1984). **unicap.br**, 2021. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/1974>>. Acesso em: 03 maio 2022.
- D'ARAUJO, M. C. **E ele voltou. o segundo governo Vargas**: Um panorama da política de desenvolvimento de Vargas. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/PoliticaDesenvolvimento>>. Acesso em: 18 out. 2020.
- FÁVERO, E. T. **PERDA DO PÁTRIO PODER**. São Paulo: VERAS EDITORA, 2000.
- FÁVERO, E. T. **Questão Social e Perda do Poder Familiar**. São Paulo: Veras Editora, 2007.
- FONTANA, A. **História da Minha Vida**. 2ª. ed. Petrópolis Rio de Janeiro: vozes, 1980.
- FORCELINI, Ariely. **A suinocultura nas páginas da revista “Celeiro Catarinense”, na década de 1970.** Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3489>>. Acesso em: 24/08/2022
- FORNECK, Elisanda; LUBENOW, Aline Maisa. **De fábricas de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó**. Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito, Chapecó/Santa Catarina, 2021.
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GOMES, A. D. C. **A Invenção do Trabalhismo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GOV.BR. **Ministério da Economia.** gov.br, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/economia/pt-br/search?SearchableText=sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

HANAUER, Luiz Fernando Perondi. A inobservância dos direitos humanos na cidade de Chapecó no contexto da ditadura militar: análise de depoimentos judiciais de presos políticos. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1513>. Acesso em 20/08/2022.

HASS, M. **O Linchamento que Muitos Querem Esquecer.** 3ª. ed. Chapecó: Argos, 2013.

HOBBSAWM, E. **Rebeldes Primitivos.** Barcelona: Ariel S. A, 1983.

HOBBSAWM, E. **Sobre história.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

HOBBSAWM, E. J. **Os Trabalhadores Estudo sobre a História do Operariado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOLANDA, J. C. B. M. / F. **História Oral Como Fazer Como Pensar.** 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LAGO, L. A. C. D. **Atlas Histórico do Brasil.** FGV, 2016. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbete/6001>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

MARTINS, E. D. R. **História Pensada.** 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MATTOS, M. B. **O sindicalismo brasileiro após 1930.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MIRANDA, L.; SILVA, É. N. D. **A CONSTITUIÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CHAPECÓ: A TRAJETÓRIA SINDICAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DE CONSOLIDAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS (1960 E 1970).** In: MAURAD, L. A. D. F. A. P.; DEGGERONE, Z. A. **AGRICULTURA FAMILIAR EM PAUTA.** Ituiutaba, G.: Barlavvento, v. II, 2020.

MOREIRA, C. A. A. **O Paternalismo nas organizações brasileiras.** bibliotecadigital.fgv, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2465/74594.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

OLIVEIRA, E. A. M. D. **Sindicalismo e democracia**: as controvérsias em torno dos processos eleitorais do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes e Derivados de Chapecó (Sitracarnes) – 1988 a 2010. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2017.

PAIVA, P. D. T. A. O processo de proletarianização e a transição da fecundidade no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 41, n. 4, p. 383-414, 1987. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/issue/view/72-1>>. Acesso em: 20 maio 2021.

PERROT, M. **Os Excluídos da História Operários Mulheres e Prisioneiros**. São Paulo Brasil: Paz e Terra, 2006.

PERTILE, N. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina**: o processo de produção de carnes do Oeste Catarinense. Repositório Institucional da UFSC, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91823>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PREVIDÊNCIA, M. D. T. E. **Norma Regulamentadora**. gov.br, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/aceso-a-informacao/>>. Acesso em: 25 maio 2023.

RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos ítalo (1940-1960). **Revista História: Debates E Tendências**, v. 19, n. 4, p. 720-744, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/10495/114114946>. Acesso em: 18 abr. 2021.

RECHE, D.; NASCIMENTO, E.; VILLELA, A. L. V. **O Estado e a Produção do Espaço Urbano de Chapecó nas décadas de 1970 e 80**. In: _____ CHAPECÓ EM FOCO textos e contextos sobre o espaço urbano-regional. São Carlos SP: Pedro e João, 2017.

RODEGHERO, Carla Simone. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2003. 158p.

RUY, C. Bertolt Brecht e os 80 anos do poema “**Perguntas de um trabalhador que lê**”. Centro de Memória Sindical, 2015. Disponível em: <<https://memoriasindical.com.br/cultura-e->

reflexao/bertolt-brecht-e-os-80-anos-do-poema-%C2%93perguntas-de-um-trabalhador-que-le%C2%94/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

RUY, C. M. 1º de Maio da Praça da Sé em 1968. **Memória Sindical**, 2014. Disponível em: <<https://fsindical.org.br/memoria-sindical/1-de-maio-da-praca-da-se-em-1968>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SANTOS, G. SENAI de Chapecó. **automacaoindustrial.info**, 2020. Disponível em: <<https://www.automacaoindustrial.info/senai-de-chapeco-oferece-vagas-para-pos-graduacao-em-engenharia-de-manutencao-industrial/>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. A. D. **O Sofrimento dos trabalhadores da agroindústria Sadia S.A. de Chapecó**. Repositório Institucional da UFSC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95941>>. Acesso em: 04 maios 2022.

SILVA, C. M. D. **De Agricultor a Farmer**. Guarapuava: Unicentro, 2015.

SILVA, L. P. D. **Formação profissional no Brasil: o papel do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI**, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100022>>. Acesso em: 22 set. 22.

SOLIVO, L. **O uso de agrotóxicos: o veneno chegou no oeste catarinense (1970-1980)**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2019.

SRT, S. D. R. D. T.-. **Sistema de Negociações Coletivas de Trabalho - MEDIADOR**. MEDIADOR, 2023. Disponível em: <<http://www3.mte.gov.br/sistemas/mediador/>>. Acesso em: 06 maios 2023.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 6 eds. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 2011.

VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Márcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-1912)**. Pelotas/RS: Ed. UFPEL, 2012.

VICENTE RIBEIRO, G. V. J. V. R. Migraciones venezolanas a Chapecó: políticas de interiorización y trabajo en la agroindustria. **saber.ula.ve**, 2022. Disponível em: <<http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/aldeamundo/article/view/18682>>. Acesso em: 22 maio 2023.

VITOR, Paulo Fernando Vedovatto. **Do trabalho e vida na roça à mudança para agroindústria: transformações no cotidiano dos moradores do bairro Efapi**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó/Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6514>>. Acesso em: 21/08/2022.

VOJNIAK, Fernando. **O papel da mão-de-obra dos “brasileiros” na implantação da agroindústria em Chapecó: o caso Sadia – 1970 a 1980**. Chapecó: Unoesc, 2000.